

Saint Yves D'Alveydre

As Chaves

do

Oriente

INTRODUÇÃO

Os estudos filosóficos e cabalísticos de Saint-Yves D'Alveidre tornaram-se quase todos clássicos. Além disso, eles são muito raros atualmente.

Por esse motivo nos parece necessário republicar, pouco a pouco, as obras de nosso saudoso Mestre.

Presentemente mostramos as celebres Chaves do Oriente que constituem uma notável trilogia sobre os **Mistérios** do nascimento, da vida e da morte.

Suas composições são verdadeiramente evocações do plano astral. Sente-se nelas palpitar as terríveis forças outrora estudadas por Moisés e redescritas novamente por Saint-Yves.

As Chaves do Oriente constituem a parte de prosa do volume intitulado: Testamento Lírico cujos exemplares ainda em circulação alcançam nos livrarias preços extraordinários.

Igualmente, estamos felizes por colocar e, circulação o pensamento de nosso Mestre, e convidamos nossos amigos a acolher bem a esta edição tirada em poucos exemplares.

Os amigos de Saint-Yves.

OS MISTÉRIOS DO NASCIMENTO

Existe algo tão profundo quanto à Morte: o Nascimento.

A vida é o sorriso da Natureza; o nascimento é o beijo que ela dá à **Alma** humana.

Quanto à mulher; a presença real da natureza está nela.

Ionah , a virtude plástica da natureza, a habita e nela se instala.

Rouach, o espírito , o amor, descendo do céu repousa e goza em seu coração; grande segredo da criação lhe sorri através de uma criança, no momento em que uma **Alma** descida nela, a observa através dos olhos.

Imortal após a morte, a **Alma** existe antes de seu nascimento.

Pela mulher, no estado social, os antepassados tornam a entrar nas gerações.

Chamado à vida social em conformidade com os **Mistérios** do Espírito Santo e àqueles do **Pai**, ou de uma maneira profana, o antepassado imortal, que vai tornar-se criança, sujeito à morte física, vem a seu tempo marcado, exatamente aonde deve ir.

Durante este chamamento que começa por uma vertigem de imortalidade. Segundo seu grau nas hierarquias psicúrgicas, a **Alma** deixa uma de suas moradas cosmogônicas e vem.

Invisível, mas sensível aos corações apaixonados, ela impressiona lentamente a mulher à qual ela deve encantar, e durante nove revoluções lunares, estabelece seus eflúvios siderais, pelo sangue e pela **Alma** da mãe, dirigidos ao corpo terrestre, cuja primeira aspiração vai absorver.

Esse nome de **Alma**, em francês, está magnificamente de acordo com o Verbo Celeste. Ela é a própria raiz do amor. O que é a **Alma**?

Abri, com as chaves prescritas o texto em hebraico do Sepher Bereshith, do livro dos princípios cosmogônicos, e , se **Deus** o quiser, a Ciência divina dos Santuários egípcios vos responderá por Moisés, e vos dirá o que é **Aisha** , faculdade volitiva de **Aish**.

Um antepassado venerável levantou o primeiro véu do sentido oculto, mas não mais do que ele, não quero eu levantar o segundo, senão falando, no segundo capítulo, do **Mistério dos Sexos** e do nome de **Jehovah** . Eis tudo o que eu posso dizer no momento.

Princípio Imortal da Existência, a **Alma** é a causa resplandecente que liga o corpo visível ao corpo invisível.

A **Teurgia** a encontra; a **Psicurgia** que é a ciência e arte de amar e de querer, a prova experimentalmente. Em **Fisiologia**, ela é a força que anima e move, atrai ou repele, elege ou elimina.

O Nascimento é, pois, significativo : o amor e os sexos são coisas religiosas; e nada é banal na Natureza como não o é em **Deus**.

O Nascimento é a corporificação das **Almas**. Vós pre-existis ao vosso nascimento, vós sobreviveis ao vosso passamento. Por essa razão, em nome de **Moisés**, em nome de **Jesus** e de **Maomé**, levantai-vos e escutai!

Saber é lembrar-se. Lembremo-nos pois juntos, **Almas** imortais, que na espécie terrestre, suspirais pelo reino celeste do homem, e desejais o divino da vida.

Nos **Mistérios do Espírito Santo**, está a ciência total, a arte completa, o amor perfeito da vida. Eles se revelam na aurora do dia, nos olhos dos noivos e dos esposos, no sorriso e nas lágrimas da maternidade. Inclinaí-vos sobre esse berço, oriente da vida social, túmulo cosmogônico da **Alma**. Nessa criança palpita um **Mistério do Espírito Santo** e da **Esposa do Pai**.

Essa criança é ancestral, uma **Alma** celeste numa efígie terrestre, uma imortalidade que vem modificar-se, purificar-se na dor, aperfeiçoar-se na elaboração, seja numa missão, ou pela criação após séculos começados e retomados.

A desigualdade das condições não é pois, para o sábio, senão o que ela deveria ser num estado social perfeito; a escala da equidade que gradua os estados psicúrgicos, as necessidades indispensáveis às **Almas** para diligenciar sua boa vontade numa esfera social correspondente àquela do seu céu.

É por esse motivo que a iniciação sucessiva dos sexos e das classes é desejada pela Providencia, a fim de que o homem cesse de maldizer o destino que, mais freqüentemente , é a lei que suscitou sua vontade.

Mas, eu o sei, a ciência não pode sozinha esclarecer vossas **Almas**, e pedirei à arte um arcano psicúrgico, graças ao qual, docemente, os poetas da Promessa Divina poderão depois atraí-las e conduzi-las no movimento da luz do **Espírito Santo**.

Desse modo , esta **Alma** nasceu no mundo das efígies e das provas: e ela ali grita. Seu elemento era o fluido celeste, a luz interior do Universo, o éter espiritual, o interior e o lugar da substancia cosmogônica.

Eis o inverso, o exterior, em plena noite. Ela não vê mais seu corpo celeste; ele se eclipsa. Ele perdeu ali a ciência, a consciência, a vida real. Sua inteligência se fecha, sua clarividência direta não vê mais, sua inteligência não compreende mais, sua sensibilidade psicúrgica em todos os sentidos sucumbiu.

Entre ela e o Universo se interpõe um obstáculo terrível, qualquer coisa de obscuro e de limitante, de curvo de obtuso, de áspero, e de quente, estranho composto que zune e formiga, véu sábia e habilmente tecido, dobrado sobre si mesmo e sobre ela, aonde todos os contextos animados, imagem do Universo, em conjunção substancial e específica com ela, se entrelaçam e a entrelaçam nos meandros tortuosos dos órgãos e das vísceras: **é o corpo**.

Se o corpo grita, é porque a **Alma** sofre. Ela quer fugir, mas recai sob uma irradiação que denominamos a Luz viva, **Ionah**, a substancia celeste; é um beijo maternal.

Algumas vezes parece que ela está morta. Ela se recorda como em um sonho da imensidade dessa Luz secreta onde ela se banhava nua nos turbilhões resplandecentes, dos cumes, dos vales etéreos de um astro amado, sem atmosfera, sem atração física, mundo das essências, dos aromas e dos perfumes da vida, de onde ela ouvia subirem e descerem as Harmonias e as Melodias Interiores dos Tempos e dos Espaços, dos Seres e das Coisas, de onde ela se lançava, freqüentemente à voz íntima dos bens amados e das bem amadas, para contemplar **Shamain**, o éter, o Mar azulado do Céu, as ilhas, as chuvas siderais, os movimentos de seus gênios e de suas potências animadoras.

Como o reflexo duma estrela sobre a água que estremece, uma lembranças e abate e treme ainda nela provinda da grande realidade. *****

Ela exala ainda a celeste ambrosia dos **Mistérios Eternos do Espírito Santo**: e os eflúvios do outro Mundo se evaporam lentamente de sua balsâmica essência que a Mãe bebe, respira e beija com uma embriaguez estranha para os profanos.

Não te desvaneças doce reflexo do Astro dos Magos! És imortal, recorda-te.

Ela crê vê-los ainda, os brancos, os divinos, homens e mulheres, **Deusas e Deuses**, diáfanos, luminosas formas; tipos de Beleza, cálices da Verdade, se movimentando, planando, se enlaçando nas ondas mágicas do celeste Amor nas comunhões sedutoras da Sabedoria.

Não são, pois, novamente as Teorias sagradas, os Poemas vivos do Verbo oculto, os Hinos dos pensadores criadores, as Sinfonias dos sentimentos animadores, os ensinamentos hierárquicos dos Círculos psicúrgicos, a névoa santa dos grandes **Mistérios**, os **Deuses**, esplendor do **Deus** cuja luz é a sombra, o trono luminoso, o vôo aromal dos gênios, dos Enviados, das Inteligências perfeitas, dos Espíritos imortais, das **Almas** vitoriosas e glorificadas.

Oh, vertigem! lá também é o quádruplo círculo inferior das **Almas** subindo ou descendo, o oceano fluídico resplandecente, sobre o qual passa a brisa do Amor, no fundo do qual choram o Nascimento e a Morte.

Não é também ainda?... Mas que irei dizer? O que se passa então? Cantai filha dos **Deuses!** Escutai!

Uma grande perturbação, uma vertigem, uma embriaguez súbita, uma atração doce e terrível, um encantamento dos astros, uma palavra de ordem, um grito em esfera, das despedidas dilacerantes à vida superior, aos bens amados, uma prece, uma cerimônia solene aos ritos fúnebres, um último abraço, um último beijo, um juramento de lembrança e de volta, um Gênio com pés alados que envolve a imortal e a conduz em direção ao abismo, a Imensidade de cima que se fecha, a de baixo que se abre estridente, o Oceano tumultuoso das Gerações, abismos de **Almas** ganhando ou deixando o cume ou o fundo da atmosfera de um outro astro, batalha elétrica das paixões e dos instintos da Terra... e depois... o que?

É o orbe da Terra, é o Oceano metálico desenrolando seus fluxos, enrolando seus refluxos.

Atravessa-se os turbilhões das **Almas** que se elevam ou caem, umas diáfanas e puras, espiritualizadas e leves, se exortando a vencer àquelas que se opõem a subir, na luz, a escada dos raios celestes, a transpor a região das nuvens e das correntes fluídicas, a ganhar a Cidadela ígnea do Fogo Superior, os círculos de Éter; as outras, obscuras e matizadas com manchas como peles de animais selvagens e de répteis, manchadas pelos vícios, entenebradas pelos crimes, materializadas pelo Instinto, entorpecidas pelo Egoísmo, impotentes para destruir os fluxos elétricos do ar, levadas pelas Tempestades e os Ventos rolando longe da barca de Isis no poço demoníaco do Abismo, no vertiginoso cone de sombras que a Terra produz nos Céus, gritando no Silêncio, agarrando-se às primeiras e tentando arrasta-las com elas para diminuir na mesma proporção o peso monstruoso do Destino.

O que há ainda? Lembra-te!

São, na Atmosfera, as nuvens, as grandes correntes polares, os sopros do Oriente, as rajadas do Ocidente, os fluxos aéreos sacudindo a espuma das nuvens, agitando suas serpentes elétricas; é o Oceano Inferior do Ar, com suas quatro regiões, a das águias, dos grandes migradores, das cotovias e das pombas.

Nessa última, começa o reino da substância plástica sobre a Terra, com seus quatro reinos: Mineral, Vegetal, Animal, Hominal, e seus sete turbilhões de Potências geradoras especificadas.

Após os circos e os anfiteatros das montanhas brancas, após a magia fascinadora das Geleiras e dos Abismos, eis oferecer-se ao infinito as brandas ondulações das colinas verdes, o derramamento espumoso das torrentes, o serpentear escamoso dos rios e dos fluxos metálicos, o balanceamento das Florestas sonantes, a imensidão circular dos campos recobertos por ervas, onde fluem e se experimentam calafrios.

É a Terra, uma das mil cidadelas do Reino do Homem, Filho Imortal e Mortal do **Deus-dos-Deuses**, é Deméter, é **Adamah**, o mundo das efígies e das Realidades físicas, o Inferno, o Purgatório, o Paraíso, conforme a **Alma** que encarna, conforme o Espírito que reina na Carne das **Almas** encarnadas, conforme a Fé, a Lei e os Costumes do Estado Social.

Eis os círculos de pedra das Metrópoles, das cidades, das vilas e povoados, com o burburinho das vozes de bronze que do alto das cúpulas e dos campanários, escondem e anunciam, acima do ruído das grandes lágrimas populares, o nascimento e a morte.

A Imortal se detém bruscamente, unindo-se com força à claridade dos Astros, ela mede o espaço percorrido, a distancia que a separa dos Céus:

“Perdão! Diz ela ao seu Guia!

☞ Coragem! Tu o juraste! Lá em cima, a coroada Fé, lá em baixo, a Prova!

Perdoa! Sim eu tenho medo! Se, lá em baixo não puder mais congregiar minhas lembranças!

☞ Tu poderás, acumulando as Ciências.

Ao menos diz: em que Estado Social, em que Raça, em que Nação, em que Lar?

☞ Aqui , responde o Guia alado das **Almas**, aqui o Genetliaco(1) celeste indica a trama de teu destino.

Por muito tempo?

Genetliaco – referente ao nascimento, que celebra o natalício de alguém

☞ Até a sua realização.

Oh, meu Gênio alado, quem são esses coros de **Almas** que nos seguem?

☞ São os antepassados que te fazem cortejo; porque eu vou subir.

Já?, Sinto-me novamente desfalecer!

☞ Coragem pois, **Alma** Imortal! Eu reaparecerei se tu souberes querer.

Onde estou? Céu, Terra, tudo desapareceu; mas uma atração invencível me prende inteiramente.

☞ **Alma** mortal, eis tua Mãe! Em nome de **Deus**, em nome da Natureza, em nome de Iod e Hevah, eis tua pátria viva, aqui em baixo. Estás unida a ela por todas as Potências mágicas da vida! Adeus”

Ela se recorda ainda de suas conversas com a Alma materna, sua indivisível e mutua penetração, suas comunicações misteriosas, cheias de lembranças e de esperanças supraterestrres, dores e gozos, arrepios, êxtases, musicas silenciosas, o lento enrolar dos nove círculos selênicos, a encantação das epigenesias, depois... um sofrimento crucial terrível, um vapor sulfuroso, um eflúvio ferruginoso subindo bruscamente dos Abismos Ígneos da Terra, rodopiando , arrancando-a da **Alma** materna, fixando-a a uma vida pneumática, a um antro pulmonar quente, movente... um grito nesse antro, nessa efigie oca e ... a Recordação retorna às suas profundezas com os Inatos celestes.

Ela não retornará mais a não ser pela Ciência.

Oh, vós que tendes a vergonha a crença de que o homem descende do gorila, merecéis não mais tornar a subir! *****

Afastai-vos desse Mistério celeste; deixai orar aqui as mulheres. Elas saberão dizer ao menos: **Pai** nosso que estais nos Céus... Vós, que restais, Virgens, Esposas, mães, Avós, da Arvore da Vida; ficai perto desse Visgo vivo, orai ao Ancestral dos Ancestrais.

E sabeis que se , no círculo das Gerações, o **Pai** dá ao germe da efigie, o movimento inicial da espécie, a Mãe, sua substancia e forma específica, contrariamente às **Almas** dos animais que vem do Fogo terrestre, a **Alma** humana vem do Céu. *****

Pedi , pois, ao Sacerdote, para que em nome do Estado Social, a Espécie humana saúde a Lei do Reino e a ordem do Reinado.

Qual sacerdote, perguntareis?

Aquele da Vossa Fé e de vosso Costumes Sociais; pope(2), cura, pastor, rabino ou marabu(3)
Marabu – asceta que serva a mesquita muçulmana

Pope – sacerdote ortodoxo russo

Fazei acolher solenemente esse recém nascido . Porque, em verdade, eu digo: o nascimento é coisa tão significativa quanto a Morte, e isto é um dos **Mistérios** que era preciso entreabrir aos vosso olhos.

OS SEXOS E O AMOR

A questão religiosa dos Sexos e do Amor está incluída no Cristianismo; a dos Sexos nos **Mistérios do Pai**, a do Amor nos **Mistérios do Espírito Santo**.

Na primeira Igreja , esses **Mistérios** eram objeto de uma instrução superior, de uma verdadeira iniciação.

O ensinamento intelectual e último era também salvaguardado; era, desde esta vida, a ascensão do reino aberto ao Eopta ou ao Eleito, e era cuidadosamente distinguido do ensinamento moral ou primário, comum a todos.

Um com o Batismo, dava as **Almas** a Purificação; o outro, representado pela Eucaristia, distinguia os valores ontológicos, chamava as Inteligências a contemplar a Perfeição, a comungar Nela pelo conhecimento e a consciência que elas podiam dali receber, segundo seu sexo, sua idade e sua condição.

A Iniciação, a ascensão aos **Mistérios**, não se abria senão à seleção pouco numerosa daqueles que, preparados pela vulgarização evangélica ou catequização, observados longamente, eram julgados suscetíveis de revelações diretas, especiais, conforme a seus graus na hierarquia dos sexos, das idades e das graduações ontológicas.

Para os catecúmenos, ao contrario, o ensinamento era o que se tornou hoje comum a todos os fiéis indistintamente, uniforme e uniformemente aplicado, limitado a catequização e a Predicação.

Para essa categoria, a mais numerosa forçosamente, os **Mistérios** permaneciam velados pelos sacramentos, as verdades inteligíveis pelos símbolos sensíveis.

“A finalidade da Igreja – diz São Cirilo – não é desvendar aos Gentios(4) seus **Mistérios**, sobretudo os que concernem ao **Pai** e ao **Espírito Santo**. Ela se guarda até mesmo de falar a respeito aos Catecúmenos. Se ela o faz, é quase sempre em termos obscuros, de maneira todavia, que os fiéis instruídos possam compreender, e que os outros não fiquem escandalizados.”

Gentios - aqueles que seguem a religião pagã

O modelo canônico do Cristianismo difere pouco, antes de tudo, daquele dos Santuários gregos e egípcios, quanto a essa distinção entre a Iniciação e a Vulgarização. As fórmulas eram as mesmas.

Eis por exemplo, a fórmula de abertura em uso na primitiva Igreja:

“Profanos, afastai-vos! Que os Catecúmenos, como aqueles que não são Iniciados se retirem!”

Igualmente nos **Mistérios** de Elêusis, o hierofante gritava à multidão:

“**Ekas, ekas este, Bebêloi!**”

Da mesma forma na Roma politeísta, os arautos sacerdotes do antigo rito etrusco diziam, antes de fechar sobre os iniciados as portas sagradas dos templos:

“**Procul, o procul este, profani!**”

Tal era a distinção profunda estabelecida por Jesus entre os **Mistérios** inteligíveis de sua doutrina testamentária e a revelação ou divulgação de sua moral evangélica, pela primitiva Igreja, entre os três graus de conhecimentos sacerdotais e de ensinamentos referindo-se aos três personagens simbólicos do ternário Cristão.

Para os fiéis, a Catequização e o acesso aos sacramentos constituíam a Preparação e a Purificação morais; a Iniciação aos **Mistérios** constituía a perfeição reservada por Jesus e por seus discípulos sob o nome de **Advento do Reino, da Veneração em Espírito e em Verdade, de Paracleto(5) e de Promessa.**

Paracleto - espírito santo.

Da mesma forma, exteriormente, por assim dizer, no Culto exotérico, a pessoa do **Filho** representava a Apoteose(6) do Grande Hierofante.

Apoteose - Deificação

Cristão, o Evangelho, seu apelo à preparação moral da Espécie Humana; interiormente atrás do altar do Cristo, os **Mistérios do Pai** e os do **Espirito Santo** guardavam a religião secreta de Jesus, os princípios, os fins de seu chamamento e a preparação moral, as ciências, as artes, os métodos necessários à realização da promessa, a uma revelação suprema da Perfeição, no momento em que, pela Iniciação, o indivíduo poderia ficar reintegrado pela espécie no reino; quando, enfim, pela sucessão dos tempos, o reino divino, graças aos esforços da Perfectibilidade humana, poderia ser constituído no estado social dos Céus.

O entusiasmo arrebatador com o qual São Clemente de Alexandria fala dos **Mistérios** reservados mostra que eles não eram meramente nominais nem tampouco fictícios:

Oh, Mistério sagrado da verdade!

Oh, Luz imaculada!

Ao clarão dos círios, o céu se reabre, a divindade se revela!

Eis-me Santo: eu sou Iniciado!

Eis o Senhor, o Hierofante.

Ele fixa seu selo no adepto, após tê-lo iluminado com seus raios, e para recompensar a sua Fé, ele lhe reabrirá as portas do reino do **Pai!!**

Eis as orgias dos seus **Mistérios**: vinde e pedi a iniciação!”

Dividindo dessa forma seu principio em dois, se não for em três partes, um dirigido à propagação exterior, ao movimento imediato e difuso através das massas, o outro, reservado, acessível somente à seleção, verdadeira iniciação, podendo, pelo desenvolvimento sucessivo e seqüencial dos tempos, determinar um movimento constitutivo capaz de colocar organicamente em ordem as sociedades evangelizadas, Jesus, assim como em tudo, estava em harmonia, não somente com a verdade de todas as iniciações, mas com a sabedoria de todos os iniciadores.

Igualmente agia Moisés, reservando à tradição oral e a um corpo constituído especialmente, as chaves de suas obras escritas, os **Mistérios cosmogônicos do Pai**.

Da mesma maneira agiu Orfeu; igualmente Pitágoras distinguia sua doutrina em purificação e perfeição, (*) **Katharsis e Telelotes**.

- **Katharsis** – satisfação ou descanso pelo cumprimento do dever e dos ritos de purificação daqueles que se iniciavam nos mistérios.
- **Telelotes** - perfeito em diversas atividades laborais, crescimento mental e moral característico, perfeição, maturidade.

Do mesmo modo, enfim, por detrás de todos os altares das antigas sociedades civilizadas, o culto encobria a religião, aquela da verdade, da hierarquia tríplice na Grécia, quádrupla no Egito, das Ciências e das Artes, seus cânones sacerdotais: e todo esse alcance sobre a perfeição, toda essa síntese, todas essas chaves precisas do conhecimento da Arte e da Vida, não estando tão cuidadosamente guardadas do mundo profano senão para permanecer inacessíveis à profanação, à tirania do vulgar, à anarquia das opiniões.

Tal é o segredo da forte constituição da sociedade, da família, dos caracteres nas repúblicas gregas e romanas e nos reinos sacerdotais que as haviam precedido.

Com o desuso e o descrédito dos **Mistérios**, vieram a anarquia social, a discórdia civil, a necessidade do império oposto à antiga liberdade.

Após longos séculos, na cristandade, os **Mistérios** tão claramente indicados por São Cirilo foram um pouco velados: hoje, conservados no estado nominal por detrás dos sacramentos, eles se tornaram puramente fictícios para a sociedade leiga.

O espírito da promessa deve se ocupar em aperfeiçoar o que é, muito mais do que em criticá-lo, também, também inclinado-se sobre as causas desse feito capital, iremos diretos às mais pesadas conseqüências.

As ciências, as artes, a natureza, a vida estão, de ora em diante, abandonadas ao mundo profano, e este está, nessa ordem de coisas, sem recurso religioso e intelectual, seja contra suas próprias profanações, seja contra suas ignorâncias, seja contra suas inconsciências.

Que isso tenha ocorrido, pode-se admiti-lo; mas que nisso deva acontecer sempre, não se pode responder pela afirmação, no momento em que se examinou e meditou seriamente uma questão social dessa importância.

Quase todas as faculdades de que pode dispor a perfectibilidade humana, após serem lentamente liberadas da tutela da Igreja, estão munidas, de agora em diante, de maior parte de seus meios de atividade; mas seus princípios, como seus fins de associação e de síntese lhes faltam, assim como métodos diversos que podem determinar as leis de suas relações hierárquicas.

Essa reivindicação completa do espírito humano abandonada a ele somente na atividade geral de suas faculdades, sendo feito fora da Igreja e apesar dela, volta-se contra ela.

Essa reivindicação feita em nome da Natureza, a opõe a Deus e a seus cultos, e termina em política, assim como em sociologia, num movimento anti-religioso, indefinido, em direção a um fim socialmente indeterminado. Ela envolve as igrejas e isola o mundo social que ali se prende à corrente geral das idéias e dos fatos; evocando os milagres da indústria, ela arrasta e seduz os espíritos, agita a miragem do luxo e das poesias da matéria, excita a vida a assenhorar-se de todos os seus direitos, freqüentemente ao preço de seus deveres, ostentando a magia da civilização diante de todas as consciências do instinto e tende a criar no mundo cristão um abalo geral que poderia destruir as bases religiosas e sociais, mas que não parece disposta a substituí-los.

Eis, em sua moldura geral, o quadro das oposições que se oferecem para reedificar em Teologia, o Cristianismo moderno e a Cristandade contemporâneo.

I

A GENESE, Versão dos Setenta na Igreja grega. Versão de São Jerônimo na Igreja latina. Traduções feitas sobre essas traduções nas línguas das Igrejas nacionais ou simplesmente protestantes, o naturalismo opõe uma **contra-gênese** a partir das duas primeiras. Palavras que conduzem à negação do resto. Assim à Gênese opõe-se uma **Anti-Gênese**.

II

AO DECÁLOGO, (Mesmas versões das traduções), rompendo o elo religioso no qual Moisés havia unido à Lei Divina a norma moral dos Deveres considerados por ele como a norma dos Direitos, o naturalismo opõe sob diversas denominações **Direitos do Homem, Direitos naturais, Livre consciência, Moral Independente. Um Contra-Decálogo, O Anti-Decálogo**.

III

A TEOLOGIA, Não somente cristã, mas no Talmude assim como no Corão, o naturalismo negando toda a ação divina no Estado social, toda ciência divina na Ciência opõe uma **Contra Teologia. A Anti-Teologia**.

IV

A PROMESSA, Que forma a grande reserva orgânica do Cristianismo (e por ela talvez a de Israel e do Islã) que apoiada sobre o **Sepher Bereschith**, pode em nome dos Princípios, que ali estão ocultos, determinar os fins terrestres e celestes do Estado social, o fim perfeito da Perfectibilidade, o Naturalismo suprimindo a Perfeição para a frente como para trás, nos fins como nos Princípios, opõe uma **Contra-Promessa: O Progresso Indefinido, A Anti-Promessa** .

Cada uma dessas quatro divisões compreende, em sua síntese, toda uma hierarquia de graus pelos quais, em nome do Naturalismo experimental, a **Anti-Genese** se opõe `a **Gênese**, o **Anti-Decálogo** ao **Decálogo**, a **Anti-Teologia** à **Teologia**, a **Anti-Promessa** à **Promessa**.

Quadros similares existem, os quais , doravante, se for o caso, poderão também claramente, indicar as oposições políticas, civis e familiares, que engendram no Estado e na Sociedade, na Cidade, no Lar, esses antagonismos teológicos e racionais.

Da mesma forma, o Espírito humano na Cristandade está dividido em dois campos sobre os quais paira, como os Deuses estão divididos em heróis gregos e troianos, esta dupla doutrina.

Os fatos políticos e sociais portam e portarão cada vez mais o seu cunho, sofrem e sofrerão cada vez mais a ação dessa batalha ideológica, verdadeira guerra civil dos espíritos, levando consigo a anarquia dos homens e das coisas em baixo e o reino da força no alto.

Durante muito tempo acreditei que esta guerra era necessária, não vendo nitidamente a possibilidade de conduzir a paz e de a organizar.

Longos trabalhos e maiores meditações ainda, deram-me a certeza de que a paz é possível.

Após haver demonstrado acima que, na Primitiva Igreja, o Cristianismo tinha toda uma reserva de doutrinas e de movimentos conhecidos sob o nome de **Mistérios**, restará indicar como, a esse título, pode-se aceitar o que as Ciências naturais contém de verdadeiro, o que as reivindicações da Vida podem ter de estabilidade, e não somente satisfazer intelectualmente às exigências da Cristandade contemporânea , relativamente ao progresso, real mas mesmo ultrapassar em muito a realização orgânica desse progresso, o sonho acariciado por essas confusas esperanças.

Sim ou não, está o Cristianismo autorizado por seus textos, pela letra e pelo Espírito dos dois primeiros Testamentos a reconhecer a **Natureza** como uma potência, a discernir seus Direitos no Universo e no Estado-Social, a retificar e a aperfeiçoar tudo o que, na Ciência , na Arte e na Vida, emana Dela e porta a marca de sua Autoridade sobre a Substancia orgânica dos seres e das coisas?

Sim. É na altura teogônica da questão do Sexos, no fundo e no ápice dos **Misterios do Pai**, que é preciso procurar a chave desse problema na Capital.

É em Moisés que a Cristandade, Israel, o Islã, devem buscar essa chave da promessa de uma organização definitiva; porque é só no sentido hieroglífico do texto hebraico de sua cosmogonia que são selados três vezes esses **Mistérios do Pai**, que a Primitiva Igreja reserva a Iniciação, Jesus à realização última da Revelação.

A primeira vista, abrindo o texto hebraico, e mesmo ali colocando a luz da Tradição, parece-nos que o autor do Sepher Bereschith tenha deixado mal definido o problema teogônico dos Sexos.

Sua admirável Cosmogonia, diferente da Gênese vulgar, justifica a cada palavra seu título por uma Ciência absoluta dos princípios em ato no universo , em ação no Estado Social, mas , sobre a própria Divindade, ela não lança nenhuma teogônica.

Da mesma forma os Sexos permanecem inexplicados em seu principio, mal definidos em sua finalidade, opostos para sempre, consagrados, na Religião como na Sociologia, seja na prevenção de um pelo outro, seja a uma reivindicação de liberdade, pior que a escravidão.

A teogonia só poderia fundar-se nesse problema, que tem tanto lugar na Constituição orgânica do Universo como na do Estado Social, mas infelizmente a Cristandade, Israel, o Islã não tem como base de suas ortodoxias respectivas senão uma cosmogonia; eles não tem teogonia.

Os princípios e as faculdades da divindade considerada nela mesma e não em sua ação geradora através do universo , formavam nove capítulos, aonde o décimo começa a Cosmogonia, o Bereschith.

Por que razão o iniciado do templo egípcio, tornado o iniciador dos hebreus, suprimia estes livro e com ele a ciência que ocupa o primeiro degrau da hierarquia dos conhecimentos divinos?

Uma meditação aprofundada da história dos cultos , dos Estados, das sociedades da Ásia e do litoral mediterrâneo, a partir do cisma de Irshau, pode dar a essa questão sua resposta motivada e justificar a profunda sabedoria de Moisés.

Há momentos , na história das sociedades, em que a luz deve ser gerida na obscuridade, por medo que as trevas apaguem a claridade.

Presentemente, as circunstancias gerais, na Europa, estão longe de ser o que eram então , na Ásia.

As ciências naturais estão, atualmente, muito difundidas, a vida tem muito movimento daqui para a frente para que os cultos possam , sem riscos para eles e para o Estado Social, limitar-se mais longo tempo à protestaão, seja à inatividade intelectual.

A Europa, lançada rapidamente no caminho dos progressos industriais, tem necessidade de uma luz religiosa tanto mais precisa, de uma revelação integral ou definitiva, tanto mais perfeita já que todas as faculdades de perfectibilidade, ainda que esclarecidas por baixo, estão mais sobreexcitadas.

É a Religião e aos cultos , que tem em comum a reserva dos **Mistérios do Pai**, que compete aceitar ou rejeitar os dados que precedem e aqueles que seguirão.

Os únicos elementos teogônicos, encerrados na cosmogonia comum aos três cultos, devem evidentemente encontrar-se nos nomes empregados pelo escrivão hierógrafo para representar

a **Divindade** seja estática, seja dinâmica, seja na sua própria constituição, seja naquele a do Universo.

Esses nomes são principalmente **Jehovah e Elohim**, verdadeiros hieróglifos nominais, que é preciso saber abrir com as chaves prescritas.

Elohim, representa as potências da **Divindade** em ação no Universo e nos Estado Social; **Jheovah** a Constituição central dessas potências.

Os **Elohim** pertencem , pois, em mais alto grau a cosmogonia, **Jehovah** à teogonia.

Por esse motivo , procurando nesses nomes sagrados a chave da questão dos sexos e do **Mistério Criador do Pai**, não me deterei senão no hieróglifo de **Jehovah**.

A fim de deixar entreabrir por quem de direito esse importante mistério teogônico, pedirei ao possuidor autorizado da Tradição oral de Moisés e dos segredos do **Pai**, ao Grande-Sacerdote do antigo templo de Israel, para formular o sentido culto. Ele responderá através dos séculos.

Com efeito, uma vez ao ano e em uma época determinada , o Grande Sacerdote , diante dos sacerdotes reunidos, entreabria no santuário o **Tetragrama** , e revelava o **Schema** divino.

Assim ele dizia:

“Iod-Hé-Vau-Hé”

Os sacerdotes respondiam:

“ Schem-hamm-phoras.”

Em francês: **“O nome está bem pronunciado”**

É nesse sentido que Jesus Cristo dizia: **“ Que vosso nome seja santificado”**

Orfeu, iniciado nos mesmos Santuários que Moisés, dizia em um dos seus Rituais:

“Zeus é o esposo divino e a Esposa perfeita”

Do que precede, conclui-se que Moisés não considerava a unidade de Deus, na qualidade de **Pai**, como uma abstração, mas como a união absoluta, infinita das duas potências geradas que o constituem, **Pai** dos seres e Criador das Coisas.

Darei àquelas duas potências os nomes que lhes correspondem em nossa língua.

Eterno-Masculino, Eterno-Feminino

Deus, Natureza.

Essência, substância.

Elohim, em francês, **Ele-Ela-Os-Deuses**, representa toda a hierarquia dos **Princípios**, das **Causas**, das **Forças** orgânicas que **Deus** emprega na **Natureza**, que a **Natureza** concentra em **Deus**, nessa comunhão total, nessa união perfeita de sua **essência**, de sua **substancia**, de onde resulta o **Universo**.

Para o **Ultimum Organum**, duas conclusões capitais se depreendem desse **Mistério do Pai**, desse segredo teogônico, recebido por Moisés e por Orfeu nos santuários egípcios, e no qual Jesus Cristo, em sua prece, indica a importância.

A primeira conclusão interessa à árvore genealógica da ciência; à Segunda, àquela da vida.

No que concerne a Ciência, e graças a essa chave que uma Segunda completará se ali tiver lugar, as Igrejas, como as sinagogas e as mesquitas, restabelecendo os **Mistérios do Pai**, poderão pela Iniciação gradual, fazer cessar pouco a pouco, nas inteligências dos instruídos, o antagonismo nesse momento irreduzível da Gênese e da **Anti-Gênese**, da **Promessa** e da **Anti-Promessa**.

Podendo, graças a essa reserva dos **Mistérios do Pai** e os do **Espírito Santo**, evitar toda a discussão pública, toda mudança no sentimento exterior ou catequização, autorizadas pela santificação do nome do **Pai** a considerar como sagrada a **Natureza**, o Eterno Feminino, a Substancia orgânica em obra no universo, os sacerdotes cristãos, representados pelos bispos, atraindo para eles os membros eruditos das universidades, lhes oferecerão, quando julgarem conveniente, uma investidura e uma consagração religiosa, se entenderão com eles sobre a necessidade de um **Ultimum Organum**, instrumento de precisão necessário para erigir uma hierarquia verdadeira das ciências naturais e das artes correspondentes, distinguir claramente seus métodos daqueles que são especiais às ciências humanas e a hierarquia dos conhecimentos divinos, unir, enfim, suas leis aos princípios cosmogônicos encerrados, em nome de **Pai**, por Moisés, no texto hebraico do Sepher Bereschith.

Não receeis, homens religiosos, em recuar ao infinito os limites do espírito humano. É aumentar infinitamente, no Estado Social, a majestade das coisas divinas, a dignidade das coisas humanas, vossa própria autoridade.

Moisés, assim como Jesus Cristo, não vos deixaram sem recursos; ele vos tem, ao contrario, dado todas as reservas que vos são necessárias para conduzir a perfectibilidade humana em seu progresso total em direção a perfeição divina.

O abandono momentâneo das ciências, das artes e da vida, no mundo profano, pelo fechamento e esquecimento dos **Mistérios do Pai** e daqueles do **Espírito Santo**, pode, deixando as faculdade intelectuais sem guias no presente, sem objetivo no futuro, sem princípios no passado, engendrar as confusões de métodos e os antagonismos de doutrinas cuja cristandade trabalhou; mas esses males tem remédio, e para cura-los tudo vos foi e tudo vos será dado.

Não é preciso ter medo de abandonar resolutamente esse antagonismo ideológico, essa confusão de métodos. A anarquia das ciências tem seu remédio na própria ciência, e esta é inseparável da verdade.

A ciência integral, completa, com suas quatro hierarquias de ciências, cada uma possuindo seus métodos próprios, todas elas se confirmam em seu conjunto grandioso, prestam-se uma

mutua e magnífica cooperação, tal é a última revelação da universal verdade que em nome dos **Mistérios do Pai** e os do **Espírito Santo**, se distribuem pela iniciação nas igrejas, nas Universidades, nos Estados, nos lares, de acordo com os graus indicados para o sexos, as idades e as condições, podem , segundo o voto e a promessa de Jesus Cristo, colocar sobre a terra a ordem que reina no céu.

Essa ordem que, nos céus, tem a luz por meio , tem no estado social, o conhecimento por luz orgânica.

A correção, pelos sacerdócios autorizados, da quádrupla hierarquia de ciências que constituem o conhecimento, é uma obra menos difícil do que se poderia supor à primeira vista.

A obra, muito imperfeita e sem bases religiosas, tentada por Bacon em favor da análise direta, da experiência sensível e da observação sensorial é um exemplo suficiente para demonstrar que se pode fazer, a respeito sob o ponto de vista da ciência integral, o que se faz na ordem das únicas ciências naturais.

Se a Inteligência de um indivíduo imprimiu à Europa a impulsão de que ela hoje goza, o que não poderia fazer em favor da ciência integral, da verdade total, uma união intelectual dos bispos cristãos, tendo , se eles souberem o valor , em todos os corpos sábios da cristandade, o auxilio assegurado das mais altas inteligências e das melhores instruções especializadas.

Uma vez mais os **Mistérios** indicados por São Cirilo e por Clemente de Alexandria oferecem o quadro possível , a forma pré-determinada nas quais esse movimento intelectual pode ser operado.

A Iniciação gradual dos sexos, das idades e das condições, é igualmente o meio pré-estabelecido, autorizado pelos predecessores da primitiva Igreja, e pelo qual esses **Mistérios**, uma vez reconstituído, podem ser reabertos à Inteligência e à boa vontade.

Enfim, na admirável economia das ordens de ensinamento, nas quais os três símbolos do ternário cristão ocuparam e podem ainda ocupar lugar, nada no ensinamento atual das Igrejas, limitado à vulgarização, necessitaria uma mudança capaz de confundir os fiéis.

O culto do Filho permaneceria o que era para a primitiva Igreja, aquilo que foi após o encerramento e o esquecimento dos **Mistérios** reservados; o apelo geral à salvação e à condição comum: a purificação mortal de cada um.

É no interior dos cultos e no seio dos **Mistérios** reservados que os princípios e os fins desse chamamento, assim como os meios de realizá-los na ciência, na arte e na vida, seriam, como na primitiva Igreja, ensinados e revelados a quem de direito.

Dessa forma a árvore genealógica da ciência, devolvida à terra sagrada da promessa, pode respirar acima do mundo profano, e cessar de ser profanada, enterrar suas raízes na terra prometida, desenvolver-se e mergulhar seus galhos em todas as altitudes luminosas da verdade.

Assim , cada fruto científico dessa árvore simbólica, ao invés de ser devorado por todos sem discernimento e sem método, pode ser unido a seu galho de origem, a seu grau hierárquico, deixar ver claramente seu lugar conjunto, não se assimilar à compreensão humana senão

pelos olhos da inteligência esclarecida, senão pela arte correspondente a cada ciência , senão pela faculdade intelectual correspondente a cada arte.

Desse modo, enfim, em toda a Cristandade, em cada Estado, em cada Lar, pode cessar pouco a pouco a batalha ideológica do duplo misticismo do espírito e da matéria, dessa guerra religiosa e, por conseguinte, tanto social como política, cujas causas gerais estão no antagonismo atualmente irremediável da gênese e da Anti-Gênese, do Decálogo e do Anti-Decálogo, da Teologia e da Anti-Teologia, da Promessa e da Anti-Promessa.

Essa guerra, nas batalhas multicoloridas e multiformes, divide a Cristandade, dissimula o Cristianismo, o sufoca, e o impede de operar, em conformidade com Israel e o Islã (no que concerne aos princípios e nos fins que lhe são ou podem ser-lhes comuns), na Europa, na Ásia e na África, a Grande Obra da Civilização Cristã, o desabrochar completo do espírito humano na verdade pelo conhecimento da vida humana na realização de suas promessas sagradas, de todo o estado social nessa organização perfeita que Jesus Cristo denominou O Reino de Deus e do qual ele previu o advento sobre a terra.

A separação da árvore genealógica das ciências no interior dos cultos dependem daquela árvore da vida em todo o Estado Social.

As artes reencontram nos **Mistérios**, pela Iniciação, seus cânones estéticos, seus princípios, seus fins, seus métodos, restituindo facilmente à vida suas altitudes, suas profundezas sagradas, ao gênio sua razão de ser, às relações familiares e sociais sua estabilidade e sua majestade perdidas.

Salvos da venalidade e da banalidade da civilização difusa e puramente econômica onde eles erram como deuses exilados dos santuários, podem respirar acima do mundo profano na luz divina. Eles colocarão rapidamente um termo à sua própria profanação, e voltarão facilmente ao que foram na antiga Grécia, os reveladores conscientes da beleza perfeita , figura adorável da perfeita verdade.

E entre todas as artes, existe uma, sobretudo que somente os **Mistérios do Pai** e os do Espírito Santo podem traduzir em sua beleza e em sua verdade divina à faculdade humana que a chama. Essa arte, que corresponde a antologia, na ordem das ciências, corresponde à maternidade na ordem das faculdades.

Ela pode propiciar na reparação progressiva de toda a faculdade humana feminina no restabelecimento das iniciações especiais que as mulheres gregas encontravam na Grécia nos santuários reservados que Orfeu havia instituído para elas, e que, talvez, as mulheres cristãs possuíssem na primitiva Igreja; porque, durante um certo tempo, no Egito e na Etiópia elas tiveram sua sacerdotisa apropriada.

O Mistério do nome do **Pai** parece autorizar uma dupla iniciação, uma reservada à faculdade masculina, a outra à faculdade feminina.

Nesse Mistério, pode-se entrever que se o principio masculino exerce sua autoridade e o desdobramento de suas forças cosmogônicas sobre a essência dos Seres, o principio feminino no universo manifesta sua autoridade e revela suas potências através de sua substancia orgânica.

A essência dos Seres sai de Iod, a faculdade masculina de **Iod-Hé-Vau-Hé**; mas sua existência e sua substância, sua transformação e sua conservação saem de Hé-Vau-Hé, faculdade feminina, verdadeira **esposa do Pai** que denominamos a **Natureza**.

O Amor que os uniu para sempre foi, para todas as antigas cosmogonias, reconhecido como o principio e o fim de sua indissolúvel unidade. Sanchonation, Moisés, Orfeu estão de acordo sobre esse ponto como certamente sobre outros.

A **Natureza** unida a **Deus** pela força, pelo elo mútuo do amor, engendra do nada ao todo, e, sem esse liame supremo, que é a autorização da união dos sexos e do casamento, esse engendramento que constitui o universo reduzir-se-ia a nada.

Nos ternários cristãos, o **Espirito Divino**, o **Espirito Santo**, é o próprio amor, o sopro da vida, no qual concerne a animação psicúrgica ou vital dos Seres, a Verdade, a Sabedoria, no que diz respeito à sua animação intelectual, à ressurreição espiritual, no homem e nas hierarquias de seres que o ligam a **Divindade**. Seu verdadeiro nome encontra-se na cosmogonia comum aos três cultos.

No pensamento de Moisés, o **Espirito Santo** não é uma abstração (os sacerdotes egípcios, seus mestres, não perdiam tempo com sonhos metafísicos); mas uma força na hierarquia das forças divinas.

Essa potência divina, o Iniciado do templo de Isis e de Osiris a chama de **Rouach Elohim**, o sopro proveniente de **Ele-Ela-os-Deuses**; e descendo a hierarquia das forças cosmogênicas, segundo o método das ciências divinas, ela está a uma Quarta distancia da luz, a precede e a cria em todos os caos, quaisquer que eles sejam.

A mulher é para o homem, no estado social, o que a natureza é para Deus no Universo, o que uma faculdade é para um principio, não importa qual ponto da hierarquia das atividades, o que a duração é para o tempo, a extensão para o espaço, a forma para o espirito, a claridade para o dia, o calor para o fogo, a terra para o céu.

Mas para que a reciproca seja verdadeira, é necessário que o homem seja para a mulher o representante real de Deus, a figura verdadeira de sua imagem, Sem a religião, sem a iniciação, essa condição não pode ser completa; e o liame, a força intelectual e moral suficiente, deixa o casamento e os lares, as uniões e as gerações, abandonadas ao acaso, à inconsciência, à ignorância e à fraqueza ontológica que disso resulta.

Se a Grécia, religiosamente constituída por Orfeu, produziu milhares de potentes gênios e belos caracteres, não é a seu clima que isso se deve mas à força das Uniões conjugais, à ciência, à arte da maternidade.

Montesquieu constatou acertadamente que a virtude das esposas gregas era tão proverbial como sua graça e sua ciência maternal.

Ele observava, todavia, senão um resultado. Particularmente atento ao espirito das leis, ele não viu que estas ultimas são quase sempre o produto do meio, dos costumes e da fé, e que a virtude, força moral das repúblicas, segundo ele, não é um fruto que nasce somente das

instituições políticas, nem somente da palavra dos legisladores ou os oradores, dos filósofos ou dos sofistas.

Se a faculdade feminina e maternal lançou sobre a Grécia um tão puro e tão providencial brilho, se as gerações ali foram belas e poderosas, é as iniciações religiosas especiais à mulheres e à constituição orgânica dos lares que é necessário requerer a razão primeira.

Não desejo aqui levantar o véu desses profundos **Mistérios** da vida, e devo limitar-me a suscitar aos outros a pensar. Basta-me sublinhar ainda esta palavra de Jesus, admiravelmente concordante com os rituais de Orfeu e o segredo teogônico ocultado por Moisés no hieróglifo da divindade.

Que vosso nome seja santificado!

Em certos países da Europa e algures, a questão feminina, abalada sob o ponto de vista civil e mesmo político, dá lugar a confusões que podem tornar-se igualmente prejudiciais à paz dos Lares, ao repouso da Cidade, como a felicidade real das mulheres.

A Cidade e o Estado, as coisas civis e políticas, são triste apanágio do Homem, e ele não ser veria momentaneamente disputar senão para retoma-la cedo ou tarde, sobrecarregado pelo peso de seus direitos, o Sexo mal inspirado que teria reivindicado o fardo.

Mas no Lar, na Família, na Civilização, na Economia orgânica da Vida, a mulher, como **Hevah** em nome do **Pai**, como a **Natureza** na Constituição do Universo, não é a metade, mas os três quartos do principio masculino.

Geradora e conservadora da vida, das artes, da civilização, guardiã das gerações, investida pela **Natureza** da autoridade de substancia, é nessa ordem que ela pode cobiçar, para sua felicidade, para aquele a do homem e do Estado Social inteiro, retomar religiosamente, pela Iniciação, todos os seus direitos, e realizar todos os deveres que comportam suas Faculdades. As únicas ciências da **Natureza**, pelas artes que daí resultam, tratam desde então , a **Árvore** da vida como uma certa religião, nos reinos inferiores ao homem.

As essências vegetais, as espécies animais são cuidadosamente distinguidas, selecionadas, cultivadas e conduzidas em direção à perfeição que permite seu grau de perfectibilidade. A cultura das gerações humanas não reclama nem de ciência nem de Arte.

Os princípios e os fins das uniões e dos casamentos, a criação, a educação, a instrução no lar devem ser tratados, pelo menos, com igual inteligência como o acasalamento dos cavalos e dos touros, a criação e a preparação dos potros.

Até o momento, entretanto, na Cristandade, em Israel e no Islã, a faculdade feminina do homem, abandonada a si mesma, submeteu-se inteiramente ao perigo da fatalidade das gerações, e a faculdade maternal, abandonada a seus próprios instintos, está longe de colher os frutos divinos que comporta sua tríplice natureza plástica, psicurgica e intelectual, e que ela geraria certamente, se a Ciência e a Arte da maternidade devolvesse à mulher a luz providencial e a consciência vital de seu Sacerdócio.

DE nos **Mistérios** do **Pai** e nos do **Espírito Santo**, é na iniciação a esses **Mistérios** que o **Ultimum Organum**, pode indicar as possibilidades de um desenvolvimento completo da **Árvore da Ciência**, de um desabrochar perfeito da **Árvore da Vida**.

OS MISTÉRIOS DA MORTE

Para sempre suscitado pela Natureza a se dividir para se multiplicar, a dar a **Ela** todo o movimento inicial, para que sua forma esteja em sua plenitude cosmogônica, o **Eterno Masculino** deixa-se possuir pelo **Eterno Feminino**.

Entre eles, a união é indissolúvel, total, perfeita, e o que direi dentro em pouco sobre a morte, não implica em nada contra essa união. Todos os princípios ativos de um penetram em ato na substancia plástica do outro.

Moisés denomina esses princípios de **Elohim, Deus, os Deuses**, e é por uma de suas atividades **Rouach Elohim**; e não por **Jehovah**, que ele faz gerar a Segunda das forças, a luz.

Ele denomina **Ionah** a substancia plástica da **Esposa Divina**; uma vez fecundada pelo Espírito e em trabalho de um novo mundo solar, **Noah**, e num ambiente cosmogônico, **Thebah**.

Nesse ambiente, em todo o mundo solar, a vida, a existência dos seres, a substancia das coisas, sem de **Ionah**, a pomba amorosa, emblema sagrado dos antigos jônicos, e esta segue o curso refletido da luz. **Ararat**, sublimando a essência ígnea dos espíritos, das **Almas** e dos corpos.

Em todo o mundo solar igualmente, a morte, o retorno dos seres ao ser, das coisas à substancia original, **Tohu-Vah-Bohu**, é uma potência cosmogônica do **Deus Masculino**, opondo-se à **Ionah** em toda parte onde as trevas se opõe à luz.

O primeiro iniciador de Israel, da Cristandade e do Islã, denomina essa potência das trevas de **Horeb**.

Orfeu, que havia igualmente recebido a iniciação nos santuários do Egito, dá-lhe o mesmo nome, **Erebe**, como ele dá o nome de **Io** à potência geradora da **Mãe Universal**. Ma na cosmogonia de Orfeu, **Erebe** significa antes o lugar próprio à potência destrutiva do **Pai**; na de **Moisés**, **Horeb** traduz sua força devorante.

Esse lugar, é a sombra corporal dos seres e o cone de trevas que todo planeta arrasta atrás si nos céus. Tal é esse vale de sombras da morte que jamais apanhou a claridade do sol e que somente a lua e as estrelas visitam.

Atrevemo-nos a dizer; sim, o **Pai** é destruidor, por isso mesmo ele é criador, **Deus** bom, quando é preciso sê-lo; **Deus** terrível, algumas vezes, **Todo Poderoso** sempre, não sobre a **Natureza**, mas por ela, e sobre os filhos do **Homem** por ela e por eles.

O **Eterno Feminino** conserva sozinho o Universo, e o preserva para sempre contra a pesada opressão do **Eterno Masculino**.

Vede o grande livro dos hieróglifos terrestres, os machos rugidores, eu portam a marca física de **Deus**, devorariam os **Pequenos**, se a **Natureza**, sua potência, não velasse no coração da mãe, e não armasse sua fraqueza de uma força terrível para defende-los com unhas e dentes.

Na família, núcleo do estado social do homem, o masculino no **Pai** determina pesadamente sobre a criança masculina; ele deprecia, quase sempre, seus desenvolvimentos intelectuais e morais, comprimindo as variações do caráter que se forma sob a unidade do seu, que formado, deseja tudo curvar à sua lei.

Ao contrario à mulher, símbolo vivo da **Natureza**, é diversa como ela, e suscita a criança a todos seus desenvolvimentos.

Os antigos templos, as antigas constituições sociais eram mais esclarecedores sobre esses religiosos **Mistérios** da vida do que nossa sociedades ainda barbaras. A confusão dos sexos e das idades reina na linhagem familiar assim como a das classes reina no Estado. A mulher tinha refúgio no gineceu(7), a criança na mulher.

É verdade também que a mulher possuía a ciência, a arte e a iniciativa de seu sacerdócio nos santuários femininos, e que tinha um culto preciso das gerações, uma religião definida dos ancestrais.

Quando esse culto e essa religião foram profanados pela banalidade e o ceticismo das neutras civilizações, injuriadas pela perspicácia das neutralidades filosóficas, insuficientemente defendidas pelos neutros sacerdotais, a família e a cidade desmoronaram. A confusão dos sexos, das idades e das classes destroi e separa as bases reais da sociedade. Dissipando toda hierarquia, somente a contingência dirige, de agora em diante, a entrada das gerações na vida; os lares confundidos foram abandonados pelos antigos ancestrais, e a morte, a potência terrível do **Pai do Universo**, entra no mundo antigo e o devora inteiramente em suas formas religiosas, políticas e civis.

Quando uma sociedade se mata, salvaguardai seu renascimento, salvaguardando os mortos, as mulheres e as crianças.

Se, pois, não quereis que a criança seja o sepulcro de um homem, protegei-a dos homens até o décimo ano; que o **Pai** não intervenha senão raramente, que a mãe reine como sacerdotisairainha sobre a instrução e sobre a educação primeiras.

Por isso vós, igrejas, sinagogas, mesquitas, em nome do **Espírito Santo** do qual já indiquei aqui o testamento especial, reabri à sua luz o testamento do **Pai**, procurai sobre a vossa gênese a cosmogonia de Moisés, retomai a iniciativa civilizadora reservada à iniciação; dai-a primeiro às mulheres, às idades em seguida, as classes, mais tarde, às raças, enfim, ou temei a morte social; o **Pai Celeste** está enfurecido, e os antepassados, aterrorizados, advertem, desde muito tempo, às gerações que a destruição está próxima.

A morte é um beijo de Deus, uma carícia do **Pai** Universal. Eis porque, a mãe das gerações humanas, a mulher teme **Deus** mais que o ama; como a leoa, ela estremece por seus leozinhos, e escuta com ansiedade os ruídos longínquos do Invisível.

Eis porque o Filho veio tranquiliza-la e lhe trazer sua promessa de que á tempo de deixar passar e agir o Espirito , se quisermos que a mediação das coisas divinas nas coisas humanas não permaneça letra sem valor e palavra morta.

Levantai-vos pois, vós todas, vós todos que desejais que a Cristandade, o Islã e Israel revivam numa esplêndida transfiguração! Revelando-vos quaisquer dos **Mistérios** da morte, deterei entre vós a profanação dos **Mistérios** da vida, e o renascimento então produzir-se-a.

Os sacerdotes da Grande Pirâmide sussurravam essa palavra fúnebre no ouvido do iniciado:

“Osiris, o Eterno Masculino é o Deus Negro”

Escolhei , pois, entre a realização da promessa do Filho e a do Julgamento final do **Pai**, entre a vida e a morte.

Indivíduos e sociedades, fazei como as mulheres, e temei **deus**. Esse temor é o começo da sabedoria.

Assim , em toda a parte onde a sombra combate a luz em toda a parte a morte, a potência cosmogônica do **Pai** está presente, ainda que invisível, ativa, ainda que latente.

Rainha dos terrores, quando ela vai se abater sobre uma família, os ancestrais se manifestam muito tempo antes que ela ocorra; durante o sono, eles projeta imagens proféticas no cérebro nervoso das mulheres; e ainda que neutros , mais freqüentemente na vida espiritual, os homens são algumas vezes profundamente perturbados por sonhos.

Acontece algumas vezes que um dos antepassados aparece aos olhos corporais. Na vigília, uma tristeza importuna flutua no ar, oprime o peito, estrangula a garganta, angustia os corações.

Os próprios animais familiares sentem a proximidade da destruição; os cães uivam lugubrememente, e tem-se visto a emoção que agita os ancestrais ser levada até as coisas inanimadas do lar que lhes é caro. Nenhum olho profano viu a morte; ninguém parece designado a morrer; e no entanto, ela está próxima.

Quando essa potência cosmogônica do **Pai** quer agir, antes que tenha suscitado as causas mortais do passamento, a **Natureza** se revolta, o **Eterno Feminino** se agita; **Ionah**, a substancia cosmogônica da vida, estremece sobre a terra e nos céus, e as **Almas** dos mortos correm para avisar os vivos e voam em socorro daquele que vai morrer.

Entretanto , a morte não é implacável e inflexível senão para os profanos e os profanadores. O iniciado a chama ou a rechaça, a arma ou a desarma, a excita ou a combate, a desencadeia ou a entrava. Essas coisas, fora dos altares, devem permanecer ocultas e não podem ser reveladas senão atrás deles.

Contudo , pela potência de seu amor, a mulher , imagem humana da natureza, fez algumas vezes tremer esse véu negro e recuar a morte.

Já vi um médico desesperado dizer a uma mãe” Ai! Seria preciso um milagre”. A mãe permaneceu só à cabeceira de seu filho; o milagre aconteceu. Se desejais morrer, chamai a morte. Se quereis afasta-la de um ente caro, rogai com toda a força de Vossa Alma. Mas no momento em que alguém deve absolutamente sucumbir, quando a hora fatal chegou, coragem! Ela ainda sobre quem vai adormecer . jamais , jamais o devotamento deixou de ser necessário.

O médico, sentindo sua arte vencida, afasta-se sem razão. Ao tratamento da doença deve suceder o da agonia; a terapêutica corporal, a Psicurgia dos antigos terapeutas.

O sacerdote , quando administrou seus admiráveis sacramentos e recitou suas fórmulas, se retira; no entanto, resta muito a fazer. Ao exorcismo administrativo dos sentidos físicos deve-se acrescentar um encantamento real da sensibilidade, uma conjuração precisa dos ancestrais presentes.

Se o sacerdote e o médico, forçados a multiplicar seus serviços, não podem dispor de tempo suficiente para prolonga-los por conseguinte, em cada lar, a iniciação gradativa dos sexos e das idades é pois, tão necessária à assistência do agonizante como à religião do vivente.

Assim, mãe ou **Pai**, mulher ou marido, filho ou filha, irmão ou irmã poderão dar a quem vai, todo o auxílio do qual a morte impõe a necessidade.

E quando o último suspiro se produziu, quando fechastes os olhos do ser bem-amado, não acrediteis que a alma partiu para longe, não abandoneis esse cadáver à vigília dos mercenários. Jamais o que habitava teve mais sede de vossa inteligência e fome do vosso amor.

Escuta! E sente o coração estremecer, aquele que vela piedosamente seu morto amado com a ciência e a arte da Psicurgia! a alma do morto se debate desesperada em meio aos seus turbilhões

Cheia de pensamentos , de sentimentos, e de sensações da existência física, desorientada por ter de deixar seu corpo, a forma material se contorce em dor; esta alma desprovida de iniciação, se sente destroçada em seus ataques, não sabe o que fazer, se espanta, se arrepia, se joga ao chão sem iniciativa, em uma agonia sempre renovada e apavorante.

Em vão , se ele vem das esferas superiores, seu gênio celeste faz sinal; em vão seus ancestrais o exortam a partir .

Sua clarividência, luminosa morada, é surpreendida pela cegueira , é desprovida do entendimento, é ferida pela surdez. Esta Alma que na existência se guia pelos instintos, esquecida de si mesmo nos anelos da carne, que pouco adquire de ciência, de amor e de consciência da vida imortal, torna-se então prisioneira de seu cadáver, possuída por ele é obrigada a trabalhar para sua aniquilação e decomposição. O estado de alienação por mais desesperador que seja, não traduz mais do que uma pálida idéia dos sofrimentos póstumos que podem durar séculos.

Exaltai a natureza de todas as vibrações de vosso coração, e próximo ao cadáver roga a Deus, roga com todo o vigor de teu ser , você não pode imaginar o bem que isto causa.

Esta alma não vê mais que a noite, não entende mais que o inaudito, não avalia mais que o insondável, nada além de um pensamento, de uma sensação: vertigem... uma vertigem apavorante.

A razão e a moral, são os dois meios colocados a disposição dos humanos cá embaixo, desordenados, confusos.

São meus sofrimentos então o começo de uma segunda morte... sem poder engolir... sua individualidade se procura nestas vísceras desagregadas sem poder se recuperar. Sua pessoa estranha a si mesma se persegue e procura no cérebro e no coração inanimados sem poder alcançar a si mesmo.

Suspensão no Horeb, sobre este poço .. o abismo devorador que floresce na ausência do sol, arrepiante, ofuscado, sem pulmões para gritar, sem braços fazer um gesto, sem olhos para abrir e chorar ... desesperado tenta reintroduzir forças, ânima neste corpo morto, ele fica , reservados os lúgubres excessos, como prisioneiro em sua cela ...encerrado nesta tumba.

Só lhe resta vagar em seu horror.

Então o Psycurgue o tem de atrair.

Se fizer de maneira vibrante, sincera, ela o procurará na escuridão de sua cegueira, no silêncio de sua surdez .

O que procura ela?

Ela não sabe!; um destroços, um ponto de apoio, uma luz, um som de voz de voz em seus próprios tormentos.

Tudo está impregnado dos eflúvios da vida, o ser vivo o atrai pouco a pouco no sentido de seu coração como na direção de um foco radiante de luz rumo à um refúgio sagrado.

Trêmula, ela vem, e lentamente se refugia, e se abriga com sofreguidão, embriagadamente.

Desta clarividência morna syncopatie ela bebe, ávida de coragem, de força, de vida psicurgica.

Ela tenta enfim adaptar-se, voltar a ver, voltar a ouvir, , voltar a entender aquilo que os sentidos corrompidos não mais conseguem. Ela pode romper, quebrar pouco a pouco as amarras racionais e morais das suas paixões e de suas faculdades, olhar brevemente o mundo inteligível, recobrar suas aptidões e recordações que estavam entorpecidas desde o seu nascimento, recuperar seu principio ontológico, retomar sua vontade.

Quando se sentir como um pombo que leva um ramo no bico antes de partir, quando se sentir capaz de enfrentar o Hereb e de se orientar, quando ver seus antepassados e o gênio alado que o chama para descer ou subir então torna a ser verdadeiro ente amado; a carícia da alma, reze para isto e rejubile-se pelo outro lado da vida.

Longamente, lentamente o exílio beija este coração devotado e arrependido, lentamente o preenche com um calor etéreo macio, de uma irradiação deliciosa, o prende em um abraço espiritual encantador, e lhe fala assim no verbo infável das almas e dos deuses:

Obrigado! Adeus! Não! Até mais em Deus !

